

ARTETERAPIA, CONTRIBUIÇÃO PARA UMA CULTURA DA PAZ

Angela Philippini

RESUMO

A autora estabelece conexões entre as estratégias arteterapêuticas e os procedimentos pertinentes às culturas da Paz. Relata sobre o I Congresso Mundial de Arteterapia, realizado em Budapest, simultaneamente a guerra do Iraque e ressalta a importância destas iniciativas que utilizam as artes para a constituição de um território de paz.

ABSTRACT

The authoress shows the links between the art therapeutical strategies and procedures relating the peace cultures. She tells about the first Art therapy World Congress, realized en Budapest, at the sametime of the Irak war and focuses the importance of this kind of meeting that use art the construction of a peace territory.

“Não existe a célula sozinha. Ela é parte de um órgão, que é parte de um organismo, que é parte de um nicho ecológico, que é parte de um ecossistema, que é parte do Planeta Terra, que é parte do Sistema Solar, que é parte de um Galáxia, que é parte do Cosmo, que é parte do Mistério ou Deus. Tudo tem haver com tudo.”
Leonardo Boff

No início de abril foi realizado o Primeiro Congresso Mundial de Arteterapia, em Budapest, na Hungria. A escolha da cidade foi muito significativa, pois além de monumentos belíssimos, considerados Patrimônios da Humanidade, há cerca de cem museus, abordando diferentes aspectos das artes. Os monumentos em questão, com muito esforço, foram reconstruídos depois da guerra, e posteriormente, foram degradados em consequência de questões administrativas e políticas nas décadas de 70 e 80, para novamente e com muita determinação, serem outra vez restaurados. Este percurso de construção e desconstrução guarda uma significativa similaridade com o fazer artístico em seu contínuo fazer e refazer, na busca da melhor forma.

Assim, a cidade escolhida para sediar o Congresso não poderia ter sido mais adequada, pois além de sua intimidade com as Artes, em sua própria História, analogicamente vêm repetindo até os tempos atuais, o percurso do processo criativo: construir, desconstruir, construir...

Alem disto, Budapest tem uma arte popular e artesanato muito bonitos, coloridos e variados. O simbolismo da possibilidade criativa da cidade é o ovo, para o qual tem, inclusive, um Museu específico (Egg Museum). Reproduzem em ovos naturais ou artificiais, técnicas ancestrais e artesanais de pintura, para lembrar em tempos presentes, imagens representativas de ritos de fertilidade e abundância de tempos pagãos. Os padrões de formas e cores ilustram em sua materialidade, a memória das múltiplas florações da primavera.

Assim, seguindo na trilha do reconhecimento de analogias e acompanhando os sinais de sincronicidade, penso que cada aliança terapêutica que se forma, guarda em si sua “*promessas do ovo*”.

Da concepção, o início, passando pela nutrição, pelas possibilidades de desenvolvimento do embrião, e sempre necessário cuidado e tempo. Em algum momento pode-se “*bicar a casca*” e estaremos preparados para caminhar pelo mundo.

O reconhecimento da arteterapia como processo terapêutico produtivo e efetivo, parece estar neste ponto. Em tempos de globalização, a arteterapia “quebrou sua casca” e “saiu do ovo”, promovendo através deste primeiro Encontro Mundial e Transdisciplinar, a oportunidade de debate e reflexão entre participantes de diferentes países.

O evento foi organizado de forma a contemplar de modo adequado a transdisciplinaridade, que é característica principal do corpo teórico da arteterapia, e os segmentos principais nesta programação abrangiam: Arteterapia, Artes Visuais, Movimento, Dança Terapia, Teatro Terapia, Cinema, Fotografia, Biblioteca, Música, Teorias de Sustentação do Processo Arteterapêutico (psicológicas, filosóficas e outras...) e Terapias Complexas.

O termo Terapias Complexas foi utilizado para designar os procedimentos terapêuticos que todo arteterapeuta, com boa formação profissional, usa habitualmente. Ou seja, simplesmente reunir múltiplas estratégias expressivas, propiciando a seus clientes uma comunicação mais fluente e espontânea de sua subjetividade. Estas práticas estão também amplamente presentes nos procedimentos de amplificação simbólica, utilizados na abordagem Junguiana, para facilitar a compreensão de um símbolo, através de diferentes possibilidades expressivas ou através de estratégias de rastreamento cultural.

A diversidade também esteve presente através da multiplicidade de profissionais. Dos participantes, havia de Psiquiatras à Xamãs, passando, naturalmente, por muitos Arteterapeutas, Musicoterapeutas, Terapeutas através da dança, e Atores especializados em Teatro Terapêutico.

Dentre os Arteterapeutas, o grupo de brasileiros apresentando trabalhos era bem pequeno, mais muito produtivo, e todos tiveram uma receptividade boa às suas apresentações. Foi possível estabelecer entre os participantes brasileiros, três do Rio de Janeiro e um do Rio Grande do Sul, uma rede de solidariedade, cumplicidade e bom humor, incluindo suporte afetivo e operacional durante as apresentações, e muitas risadas e ótimas descobertas pelas ruas de Budapest.

Assim, a sincronicidade vai seguindo seu curso, pois, também, aqui no Brasil, recentemente, a partir do II Fórum “Novos Desafios da Arteterapia no Brasil”, foi construída também uma rede de apoio e intercâmbio entre arteterapeutas. Criou-se a União Brasileira de Associações de Arteterapia, que atualmente conta com a participação de oito Associações e que se propõe a olhar de forma integral e democrática, a representatividade e as características de regionalidade de cada Estado participante, propiciando facilidades de intercâmbio e suporte mútuo. Deste modo também funcionam as redes de ajuda em culturas de Paz, não havendo espaço para centralizações nem estruturas verticais e autoritárias de poder. Quem sabe, assim, possamos viver de forma mais condizente com os novos tempos em que a “*esperança pode vencer o medo*”...

E a propósito, meu medo quase não me deixa participar desta experiência tão rica, produtiva e plena de possibilidades de novas aprendizagens. Quando me preparava para viajar para Budapest, estava muito inquieta com todas as preocupações que

precedem uma longa viagem, e particularmente receosa das conseqüências da insana Guerra dos Estados Unidos contra o Iraque.

Pensei então em desistir de viajar, como alguns arteterapeutas que inicialmente integrariam o grupo de brasileiros, já haviam feito antes, alegando este mesmo medo à guerra. E para completar, tinha recebido informações sobre participantes estrangeiros que igualmente pensavam em desistir pelo mesmo motivo.

Salvou-me o apreço pelas “*Culturas da Paz*”, pois na aproximação da data em que necessitava definitivamente optar, descobri com surpresa, uma segurança e certeza interior, de que eu não queria ser mais um soldado desta estúpida guerra. Entendi que desistir de algo que me importava muito e para o qual eu havia me preparado com muito cuidado, atenção e prazer, era simplesmente reforçar uma “*Cultura de Guerra*”. Pensei em que utilidade poderia haver em perder uma preciosa oportunidade de trocar aprendizagens e de fazer importantes descobertas a não ser estar também dando a minha cota e colaboração a já monstruosamente grande e terrível “*Cultura de Guerra*” que se instalou na mídia, e vai entrando em nossos corações e mentes pelos sete buracos de nossa cabeça, disseminando o medo, o isolamento, o “pré-conceito”, a intolerância e a violência. Contra tudo isto, o papel de fortalecer-me na “*Cultura de Paz*” foi mais forte, fiz as malas e fui...

Nas “*Culturas da Paz*”, a presença da arte é vital, a convivência amorosa, solidária e pacífica, uma busca constante, e a aceitação e o respeito à transculturalidade, uma preocupação fundamental.

Por tudo isso, arteterapeutas têm muito a contribuir nestas práticas, pois promovem cotidianamente, encontros para fazer arte, ver arte, falar sobre arte, refletir sobre arte e, sobretudo, curar e curar-se através da arte. Aí fica o desafio do “*Bom Combate*”: tocar, cantar, dançar, desenhar, pintar, modelar, repetir ritos sagrados e refazer círculos mágicos de harmonia, cura e proteção, para onde se poderá ir sempre que necessário. Pois as “*Culturas da Paz*” buscam através de suas diversificadas e harmônicas práticas de integração, compreensão e proteção à liberdade, tanto fortalecer os níveis individuais como os coletivos e transpessoais.

Aí está, me parece, a mais profunda e efetiva contribuição que arteterapeutas podem dar à estas visões de mundo pacífico e criativo. Só que para dá-las prioritariamente devemos dá-las a nós mesmos, e depois a nossos grupos de influência, instituições e comunidades. Como arteterapeutas, também é nossa tarefa construir, preservar e ampliar possibilidades e oportunidades criativas para que a arte possa exercer seus efeitos balsâmicos e curadores.

Assim, creio, tal qual se viu na cidade de Budapest, estaremos fazendo ressoar um rito ancestral de cuidado às promessas de vida contidas no ovo, reunindo beleza, harmonia, cuidado e paciente espera.

Estaremos assim, redescobrimo amorosamente as florações da primavera, e reafirmando o conhecimento ancestral, de que nele, ovo, está guardado tudo o que necessita e que poderá ser expresso no momento certo tornando-se livre e aberto para a vida.

Pois aqui, temos presente também o propósito fundamental de todas as “*Culturas da Paz*”: honrar, celebrar e preservar a vida em todas as suas possíveis formas, através de solidariedade, cuidado, harmonia, amorosidade, preservação da dignidade e da busca da beleza.

Mas, para terminar, gostaria também de lembrar do sinal de alerta do cineasta Ingmar Bergman que com seu primoroso filme “*O ovo da serpente*” avisa que afinal, nem todos os ovos gestam primaveras, e alguns, se não estivermos atentos, podem gerar enorme e irreversível destruição, pois seus embriões se nutrem de nossa coragem,

de nossa esperança e nossas possibilidades de compaixão e tolerância. Creio então, que através das alternativas disponíveis, temos a necessidade da difusão e fortalecimento das “*Culturas de Paz*”. E nesta tarefa são bem vindos todos os artistas do cotidiano que com suas artes colorem e vitalizam a “*Anima Mundi*”. E, naturalmente, neste território temos um lugar reservado para todos os arteterapeutas encantados com seu ofício...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Mives Tojás Múzeum (Egg Museum) – Budapest – Hungria – 2001

PHILIPPINI, A. – Cartografias da Coragem – 2000 – Rotas em Arteterapia – Pomar – RJ

WEIL, P. – A arte de viver a vida – Vozes – 2000 – RJ

Publicado originalmente no Volume X da Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação” – Pomar - 2003

Angela Philippini é arteterapeuta, artista plástica, Mestre em Criatividade pela Universidade de Santiago de Compostela (Espanha), editora da coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”, autora do livro de arteterapia “Cartografias da Coragem”, organizadora do livro “Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos”, coordenadora da Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em convênio Pomar – ISEPE.

E-mail: pomar@alternex.com.br